

BETAR & ARTES LETRAS

Temp d'Images

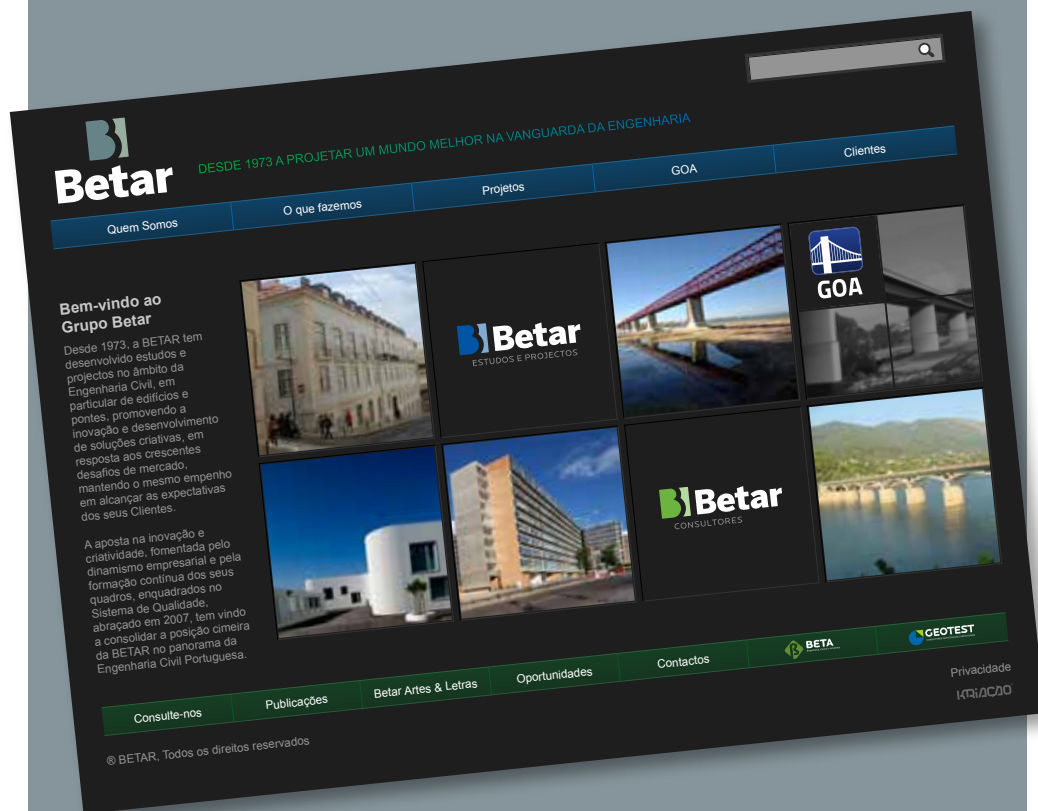
O festival transdisciplinar, está de volta à capital e continua a apostar em cruzar as artes cénicas com as visuais

B
Betar

ENTREVISTA
ARQ. JOÃO FAVILA

Um guia cultural, para que não perca o que interessa ver e ouvir.

A Betar convida-o a visitar o seu website reformulado



www.betar.pt

FICHA TÉCNICA

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR
SEDE: Av. Elias Garcia n.º 53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça
DIREÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça
REDATORA: Cátia Teixeira
DESIGN: Jonas Reker
CONTACTO: arteseletras@betar.pt



Com os dias frios regressa o festival *Temp d'Images* que continua a apostar em cruzar as artes cénicas com as visuais, partindo das artes performativas e do conceito da imagem em movimento.

Na música, a produção nacional está em grande destaque com concertos de Tiago Bettencourt, Rui Veloso, Carlos do Carmo e Azeitonas. Do estrangeiro chegam os The National e os Pixies.

Nas artes, há um novo espaço cultural que inaugura com a mostra “A última fronteira, Lisboa em tempos de guerra”. Falamos do Torreão Poente do Terreiro do Paço, que em breve será o novo núcleo sede do Museu da Cidade. Num outro espaço, o Bloco 103, o destaque vai para uma nova mostra de Justino Alves.

Quanto a teatro, sobem aos palcos duas peças de homenagem a Fernando Pessoa, no ano em que se comemoram os 125 anos do autor. “Pessoa : O Grande ausente” está em cena no Teatro Nac. D. Maria II e “Os últimos três dias de Fernando Pessoa” no São Luiz. Há tempo ainda para falar de política em “Três dedos abaixo do joelho”, “Estalo Novo” e “Falar verdade a mentir”.

Lá fora, a Tate Modern tem patente uma grande mostra sobre Paul Klee, o Palácio Ducale, em Génova, expõe a obra de Edvard Munch e o Museu de Orsay coloca lado a lado a obra de Allegro Barbaro e a música de Béla Bartók.

A entrevista desta edição contou com colaboração do arq. João Favila que, com boa disposição, nos falou do seu trabalho e da forma como vê a arquitetura.

‘Costumo dizer que a arquitetura é parecida com a culinária. Têm ambas a ver com alquimia, com proporções e doses certas, com transformação e precisão.’

As ideias do arq. **João Favila**.
Por Cátia Teixeira



FERNANDO AMADO

Casa João Borges

Tem uma forte ligação à Madeira. O que é que o arquipélago tem de tão especial para a prática da arquitetura?

Acima de tudo tenho uma relação afetiva com o arquipélago porque toda a minha família é da Madeira. Em criança ia para lá, nas férias, e tenho memórias muito especiais porque eram lugares muito diferentes dos que estava habituado. A Madeira permite-nos uma ligação muito forte com a natureza. Geologicamente é muito intensa. Para mim, está também muito ligada a casas, experiências e pessoas especiais. Ainda hoje me lembro de casas da Madeira quando estou a projetar. Casas sem eletricidade, em que o tempo era completamente diferente e o ritmo e a disponibilidade para ouvir e ver eram completamente diferentes. A Madeira é uma espécie de memória e de reflexão da arquitetura. Existe um estoicismo que está mais ligado à construção do território do que propriamente à da casa em si. Há um grande esforço para domar a paisagem. A ilha oferece uma grande resistência e isso faz com que aconteçam coisas particularmente interessantes ao nível da



LEONARDO FINOTTI

Quinta da Casa Branca

imaginação. Existem lá coisas muito bem feitas e sem grandes recursos. E a natureza ajuda no processo. Mas não pode ser um processo transformador, no sentido de construir contra, tem de ser “construído com”. Num dos primeiros trabalhos que fiz no arquipélago, a Casa Branca, percebi que o grande tema do projeto era o jardim. Era evidente que era preciso preservar o jardim onde depois se ia enraizar a arquitetura. Ele ia ser a essência do projeto e o hotel ia viver disso, ia ter uma relação silenciosa com o jardim.

O Hotel Porto Santo também tem uma forte ligação com a paisagem?

Embora fazendo parte do mesmo arquipélago, o Porto Santo é, da Madeira, completamente distinto. É muito mais árido, o que torna a experiência totalmente diferente. Ali, naquele território, as pessoas procuram praia e por isso o projeto reagiu de forma diferente. O que se pretendia era um hotel spa, que tivesse uma espécie de componente médica, ligada ao potencial das areias. Assim, o hotel tinha de

responder à praia, oferecendo ambientes mais escuros onde havia muita luz, mais húmidos onde o ambiente é muito árido, e mais intimistas onde os espaços são muito amplos. O hotel está colado à praia e vive da relação antípoda que estabelece com ela.

O que sente hoje quando pensa nas nomeações para os prémios que a Quinta da Casa Branca teve?

Eu era muito novo quando fiz esse hotel e o que sinto é que é uma obra que tinha de facto uma qualidade intrínseca, muito ligada à relação com o território, mas também alguns problemas associados a um jovem arquiteto. Costumo dizer que a arquitetura é parecida com a culinária. Têm ambas a ver com alquimia, com proporções e doses certas, com materiais, com transformação e precisão. Na cozinha, se deitamos um pouco de sal a mais podemos estragar o arroz, na arquitetura é exatamente assim. E na cozinha, geralmente, as pessoas só a partir dos 50 é que começam a cozinhar efetivamente bem, é uma coisa que demora muito tempo a aprimorar,

obriga a uma grande prática. A arquitetura é assim também. Para além de que é preciso ter uma ligação especial com a pessoa para quem se está a fazer o projeto. No fundo, a arquitetura, tal como a culinária, está entre o serviço e a arte.

Sei que considera a arquitetura pluridisciplinar...

Cada vez mais. Eu trabalho com vários intervenientes, e um bom paisagista ou um bom engenheiro fazem a diferença. Esta entrevista é para a BETAR e não posso deixar de referir que umas das melhores descobertas que fiz foi o Eng. Miguel Villar, que é realmente um engenheiro com alma de arquiteto, que nos compreende bem e se apresenta sempre disponível - e não sou o único a pensar assim - ele tem um deslumbramento relativamente à estrutura e à arquitetura que é muito particular, e isso ajuda imenso a pensar e a construir as coisas. Mas cada projeto pede especialidades diferentes. Já fiz parcerias extraordinárias com muitas pessoas. Lembro-me de um trabalho que fiz com o João Simões, um artista plástico; ou o trabalho sistemático que faço com as paisagistas Felipa Cardoso Menezes e a Catarina Assis Pacheco, gosto imenso de trabalhar com fotógrafos, o Eurico Lino do Vale ou o Duarte Belo têm e permitem leituras impressionantes no que toca aos territórios que nos envolvem. Gosto de fazer sempre uma recolha de elementos do território em estudo e ouvir as pessoas envolvidas e interessadas, antes de começar o trabalho. O projeto é assim intuído de forma mais informada.

Participou na exposição “Overlappings” para divulgar a arquitetura portuguesa. Na altura levantou-se a questão da ausência do Estado nesta matéria. Alguma coisa mudou em dois anos?

A consciência coletiva das pessoas em relação ao espaço público melhorou muito. Nos últimos 10 anos, foram feitas obras muito importantes, como eliminar o esgoto que havia no Terreiro do Paço. Foi uma grande obra invisível. A obra invisível é, aparentemente, má para o político mas esta foi, altamente transformadora. O Cais das Colunas agora está cheio de gente e isso foi excelente para a Baixa de Lisboa. Outra obra muito importante foi a linha Ribeirinha pedonal, que teve custos mínimos e um impacto impressionante na vida das pessoas. São intervenções necessárias. Há muita coisa por fazer, Lisboa continua a ser muito mal tratada, com património fabuloso a degradar-se, mas o desafio da escassez em que nos encontramos tem de nos fazer pensar. E aí temos segredos como a açorda alentejana, que é feita apenas com água, pão, azeite e coentros mas tem um sabor genial. Não precisamos de soufflés mas de açordas.

Em relação ao seu livro, qual foi o principal objetivo e o que é que resultou da obra?

O livro foi surpreendente. Foi um trabalho que envolveu muitos aspetos e que acabou por ser uma pequena obra. É uma espécie de retrospectiva do meu trabalho. Apesar de estar há muitos anos nisto, tenho pouca obra, e o livro foi bom para fazer um ponto de situação, para ver o que está feito e como está feito. Deu-me uma certa satisfação porque mostra que, apesar das dificuldades, há alguma coisa feita e que continuo a ser “alfaiate”. O livro também evoca textos de que gosto muito, como um do Paulo David sobre a “casa Gonçalo Monteiro” que eu fiz na Madeira, ou do João Rodeia sobre a “Casa Branca”, ou do Pedro Paixão sobre a “casa Maria Borges”, pessoas que eu gosto e que estão relacionadas com o atelier. Foi uma espécie de paragem para reflexão.

O Temp d’images, festival transdisciplinar, está de volta à capital e continua a apostar em cruzar as artes cénicas com as visuais. Nesta edição destacamos os eventos do mês de Novembro



 **Temp d’Images**
Até 22 de Dezembro

Desde 2003, que o festival Temps d’Images tem vindo a conquistar um espaço de destaque no campo das artes e da cultura. É um evento que nasce e que vive da contemporaneidade, mas que, na verdade, responde em si mesmo, na forma como se estrutura e organiza, aos desafios do mundo atual, fazendo parte de um projeto mais vasto que se desenrola em diversos países europeus. É fruto de um trabalho em rede, articula e envolve artistas, co-produtores e parceiros nacionais e internacionais, e, partindo das artes performativas e da imagem em movimento, aborda e aprofunda as inúmeras questões que caracterizam a cultura contemporânea. O Temps d’Images continua a ser um caminho para usufruir, valorizar e questionar a cultura, hoje. A continuidade da criação artística portuguesa está assegurada numa comunhão cinética da performatividade, espacialidade, transcendência, utopia e dúvida no tempo do tempo. Espectáculos, instalações e filmes (no palco, no espaço e no ecrã) são

experimentados por vários artistas que traduzem uma estratégia programática, como sempre, de agregação, polissemia e vertigem.

NO PALCO (teatro):

Ponto Teatro: Utopia

Dias 13 e 14 no Teatro da Politécnia

Ido Feder & David Marques: Images de Bêtes

De 13 a 16 no Negócio ZDB

Ainhoa Vidal: Alcovas Brancas

Dias 15 e 16 no CCB

Martim Pedroso: O Canto do Imperador

De 15 a 23 no São Luiz Teatro Municipal

Dinis Machado: Black cats see in the dark but are not seen De 27 a 30 no Negócio ZDB

NO ESPAÇO (instalações):

Tatiana Macedo: Staff only De 15 de Novembro a 2 de Março no Museu do Chiado
NO ECRÃ (projeções):

O cinema à volta de cinco artes, cinco artes à volta do cinema/Cinematografia

De 4 a 12 na Cinemateca Portuguesa

Temp d’Images: prémios de cinema para filmes sobre arte

De 22 a 26 no Museu de História Natural e da Ciência

Nos 125 anos de Fernando Pessoa, o teatro presta homenagem ao poeta múltiplo. Outras peças falam do estado da política, do tempo de Almeida Garrett à época do Estado Novo



Pessoa: O Grande ausente

Fernando Pessoa está em destaque este mês. O Teatro Nacional Dona Maria II dedica-lhe a peça “O grande ausente” onde, na noite de Sto. António, duas velhotas chegam ao Cais das Colunas, com o manequim de um homem, para procederem a um ritual. Usando apenas palavras do autor, vão relembando o seu próprio passado, reinventando-o ou talvez sonhando um novo. Viajam pelas suas memórias, usando sempre palavras do autor, na companhia daquele estranho homem. São pessoas que acabam por ficar sozinhas consigo próprias, frente ao mar, na celebração de uma portugalidade ancestral que habita cada um de nós. Uma merecida e desconcertante homenagem a um dos mais importantes poetas mundiais, num espetáculo construído a partir de textos de Fernando Pessoa que refaz o seu universo interior ao inventar um novo lugar, uma nova situação e novas personagens para os interpretar.

Teatro Nacional Dona Maria II

Dias 13 e 14 de Novembro
Encenação Pompeu José, Raquel Costa
Interpretação Ilda Teixeira, Sandra Santos



Os últimos três dias de Fernando Pessoa

O São Luiz também decidiu homenagear Fernando Pessoa, apresentando uma peça adaptada da obra de Antonio Tabucchi. O livro “Os três últimos dias de Fernando Pessoa - Um delírio” (1994) é uma breve narrativa, sobre os dias finais de Fernando Pessoa no Hospital de São Luís dos Franceses, em Lisboa, que vive do cruzamento entre a biografia e a ficção, entre a realidade e a literatura. O enredo, muito simples e convencional, gira em torno da ida de Fernando Pessoa para o hospital por consequência de uma crise hepática, e das visitas que recebe de seus heterónimos mais conhecidos. Na peça, Álvaro de Campos, Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Bernardo Soares e António Mora, o menos conhecido heterónimo filósofo, visitam o poeta no seu leito de morte e discutem terna mas afincadamente as suas diferentes visões do mundo. Nos cento e vinte e cinco anos de Pessoa, uma homenagem ao poeta múltiplo.

São Luiz

De 27 a 30 de Novembro
Encenação André Gago
Interpretação Alberto Magassela, Eurico Lopes,
José Neves, Maria João Falcão, Pedro Diogo, Vítor D'Andrade



Três dedos abaixo do joelho

Esta peça foi já apresentada em diversas cidades portuguesas e estrangeiras. Nasce de uma visita à Torre do Tombo para consultar o arquivo da censura do teatro durante a ditadura salazarista. Aí estão não só milhares de manuscritos de peças censuradas ou proibidas, mas também os relatórios escritos pelos próprios censores onde explicam os cortes ou proibições de textos e encenações. A ironia por trás desta peça é que transforma os censores em dramaturgos, usando os seus relatórios como o texto. Um censor escreveu que “nenhum corte deve ser perceptível ao público” e esta peça seguiu à risca essa instrução. A peça usa o teatro para revelar o pensamento por trás dos mecanismos da censura e transforma o legado daqueles que oprimiram a liberdade artística e política num instrumento em que se aponta o que é perigoso e importante no teatro.

Teatro Maria Matos

Dias 15 e 16 de Novembro
Encenação Tiago Rodrigues
Interpretação Isabel Abreu e Gonçalo Waddington



Falar verdade a mentir

O sentido da intervenção pública de Almeida Garrett nunca esteve desligado da questão cultural, e do teatro. “Falar verdade a mentir” contém elementos de reflexão muito agrestes sobre o estado dos costumes políticos em Portugal. O que parece querer dizer-nos é que a mentira deixou de ser um escândalo e passou a constituir a forma normal de viver. Um divertimento que educa e que faz pensar. As novas mentiras que José Félix é obrigado a criar, para salvar o sistema, fizeram o seu caminho ao longo dos anos, e os instrumentos virtuais que as produzem já há muito ultrapassaram o âmbito então exclusivo do teatro. Os novos José Félix constituem exércitos preparados para a criação de “verdades” virtuais com instrumentos sofisticados e que se foram adaptando, ao correr das épocas, para transformar mentiras em novas mentiras, criando uma aparência de verdade.

Teatro Municipal Joaquim Benite, Almada

Até 15 de Novembro
Encenação Rodrigo Francisco
Interpretação Alberto Quaresma, Celestino Silva,
Joana Francampos, João Farraia, Maria Frade e Miguel Martins

A produção nacional está em grande destaque este mês com vários nomes sonantes a subirem aos grandes palcos. Realce também para duas bandas estrangeiras de renome



Tiago Bettencourt e Rui Veloso

Dias 15 e 29 de Novembro no Centro Cultural Olga Cadaval

CONCERTO

Autor de várias composições de referência da nova música portuguesa, Tiago Bettencourt apresenta um concerto em que revisita os temas mais marcantes do seu percurso. Já Rui Veloso inicia neste palco uma “tour” com os músicos Alexandre Manaia e Berg, que partilham um ambiente único de cumplicidade, numa viagem pelas músicas já conhecidas do artista que se cruzarão com outras raramente tocadas ao vivo.



Carlos do Carmo

Dia 30 de Novembro no Centro Cultural de Belém

CONCERTO

Carlos do Carmo celebra 50 anos de carreira em 2013. Nome maior do fado, é uma referência no panorama artístico nacional com centenas de temas que povoam o imaginário dos portugueses. O fadista assinala o ano especial com um grande concerto de celebração de uma vida inteira dedicada ao fado. Para a ocasião, convidou a Orquestra Sinfónica Portuguesa e o conceituado músico espanhol Antonio Serran.



The National

Dia 21 de Novembro no Meo Arena

CONCERTO

Com um repertório vasto e cheio de hinos pop-rock, os The National têm disco novo. Chama-se “Trouble Will Find Me”. Os convidados do registo são de luxo e outra coisa não seria de esperar de um projeto que soube sempre escolher com esmero as suas companhias. Com 14 anos de história, os nova-iorquinos liderados por Matt Berninger voltam a Portugal depois de terem esgotado o Campo Pequeno.



Pixies e Azeitonas

Dias 9 e 15 de Novembro no Coliseu dos Recreios

CONCERTO

Os Pixies iniciaram uma extensa digressão mundial e, como não podia deixar de ser, passam por Portugal, armados com o novo single “Bagboy”, a primeira nova canção da banda em 9 anos. A digressão vai incluir o alinhamento mais variado de sempre na carreira da banda, incluindo os temas preferidos do grupo e canções que nunca tocado. No Coliseu atuam também Os Azeitonas para a apresentação do novo álbum.



Concertos em novembro

por António Cabral

TEATRO NACIONAL DE S.CARLOS

4, 6, 8 e 10/11 (para horário consultar www.saocarlos.pt)
“La Fille du régiment” ópera de Gaetano Donizetti; coro do Teatro São Carlos e Orquestra Sinfónica Portuguesa; interpretes, na maioria, portugueses; dir. Rui Pinheiro; encenador Mário Redondo,

9/11 às 21 às 18 horas no Salão Nobre

Orquestra Sinfónica Portuguesa com o maestro Pedro Neves e o solista Francisco Ribeiro. Programa: concerto para clarinete e uma ária de W.A. Mozart; uma ária do compositor português João Sousa Carvalho e uma peça para orquestra de características Neo-Clássicas, neste caso, a sinfonieta de Fernando Lopes Graça.

16/11 às 21 horas

Concerto de homenagem a José Saramago: composições do italiano Azio Corghi, autor das óperas “Blimunda” (adaptação de Memorial do Convento) e “Divara” (adaptação de In Nomine Dei). No programa: “Crucis-Verba” para recitante e orquestra e “La morte de Lazzaro” para recitante, coro misto, coro infantil, sopros e percussão; coro do Teatro Nacional São Carlos e Orquestra Sinfónica Portuguesa; dir. João Paulo Santos.

CULTURGEST

(em colaboração com a Gulbenkian)

Transmissão do MET de Nova Iorque das óperas “Eugene Onegin” de Tchaikovsky (10/11 pelas 16 horas) e “O Nariz” de Chostakovitch (24/11 pelas 16 horas).

CENTRO CULTURAL DE BELEM

10/11 às 17 horas e 11/11 às 21 horas

Orquestra Gulbenkian, maestro Paul McCrech e Trio Arriaga; obras de Beethoven triplo concerto em Dó maior op. 56 e Suite nº 3 de Tchaikowsky.

28/11 às 21 horas e 29/11 às 19 horas

Orquestra Gulbenkian, maestro Paul McCrech e solistas; programa Mozart: Concertos nº 4 e 5 para violino e orquestra e sinfonia concertante para violino, viola e orquestra.

10/11 às 17 horas no Pequeno Auditório

Concertos de Pedro Burmester (J.S.Bach, F.Liszt, F.L.Graça e G.Ligeti).

23/11 às 21 horas no Pequeno Auditório

Concerto de F.P.Ribeiro, Renaud e Gautier Capuçon e G.Cassé: quartetos com piano de Mahler, Schuman e Fauré.

IGREJA DE S.ROQUE

21/11 às 21 horas e 22/11 às 21 horas

Coro e Orquestra Gulbenkian, maestro Leonardo Garcia Alarcon, solistas cantores em obras de J.S.Bach (Missa em sol menor) e Giorgi (Messa a due cori).

ORQ. METROPOLITANA DE LISBOA

(horário e local consultar www.metropolitana.pt)
9 /11 Teatro Thalia * (Estrada das Laranjeiras 205) às 21,30 horas

Interessante programa com obras de Luciano Berio (1925-2013) (Folk Songs), Schubert (Rosamunde) e Schubert/Berio (Rendering) a partir de esboços de Schubert para uma 10ª Sinfonia que não terminou); Cátia Moreso (m.s.) e Dir. Michael Zilm.

*Reconstrução do Teatro das Laranjeiras do Conde Farrobo, uma das salas mais importantes da Vida Musical do Sec. XIX (560 espectadores).

24 /11 CCB às 17 horas

Concerto com obras de Stravinsky (“Quatro Estudos para Orquestra” e “Jeu de Cartes”), e Benjamin Britten, de que se celebra este ano o centenário, (“concerto para piano e orquestra op. 13” e “Sinfonia de Requiem op. 29”); António Rosado (pn.) e dir. de Emilio Pomarico.

LIVROS

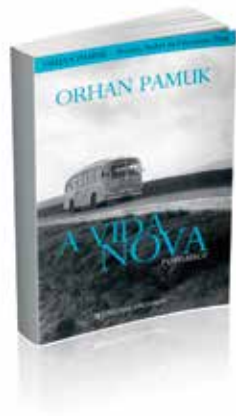
Para Novembro a Artes&Letras sugere um livro prático, para uma leitura informada, e um romance, para viajar e descontraír... Todas as propostas são válidas. Não deixe de ler



A+A Books, 2013

Guia de Arquitetura de Lisboa 1948-2013

Arquitetura é talvez o bem imóvel mais caracterizador da história de uma cidade, revelando ao mesmo tempo grandes vultos da cultura (arquitetos, artistas, entre outros), merecedores de uma divulgação que engrandece afinal a história de um povo. Esta foi uma das razões que levou à edição deste Guia de Arquitetura de Lisboa. Um livro, considerada de Manifesto Interesse Cultural pela Secretaria de Estado da Cultura, que contempla exemplos distribuídos por toda a variedade tipológica no universo em questão e temporalmente ao longo dos seguintes períodos: Movimento Moderno em Lisboa (1948-1960); a cidade do final do Estado Novo e o 25 de Abril (meados da década de 60 até final da década de 70); a estabilidade democrática e a Pós-Modernidade (1980 até meados da década de 90); transição e abertura para o séc. XXI (meados da 90 e primeira década do séc. XXI).



Orhan Pamuk

A Vida Nova

Um dia li um livro e toda a minha vida mudou.» Osman, um jovem universitário de Istambul, descreve assim o assombro da sua iniciação à idade adulta. Obcecado com este livro mágico, que lhe parece mostrar a sua própria vida num outro universo, Osman lê-o com fervor, noite após noite, e apaixona-se por uma lindíssima jovem, Janan. Este livro promete revelações luminosas e terríveis, para além da compreensão de Osman. Movido por um impulso incontrolável, o jovem abandona tudo, para reencontrar a sua amada e descobrir os segredos mais obscuros que o livro encerra, viajando de autocarro em autocarro, até ao coração inóspito da Turquia rural. Num país suspenso entre o Oriente e o Ocidente, as personagens deste livro vivem aventuras quase míticas numa demanda que reflete com talento a visão do mundo do autor.

ARTES

No outono, o conforto de uma galeria pode proporcionar um excelente momento de lazer aliado ao fundamental que é a cultura. Eis as nossas sugestões para o mês de Novembro

TORREÃO POENTE DO TERREIRO DO PAÇO

A última fronteira, Lisboa em tempos de guerra

Até 15 de Dezembro

A exposição “A Última Fronteira – Lisboa em Tempos de Guerra” está patente no Torreão Poente do Terreiro do Paço, local onde, futuramente, se irá localizar o novo núcleo sede do Museu da Cidade. Na base desta mostra está o livro “Lisboa, uma Cidade em Tempos de Guerra”, da autoria de Margarida Magalhães Ramalho. Composta por material proveniente de diversos acervos, conta com fotografias, documentos, trajes e objetos de decoração, reproduções de cartazes publicitários, mobiliário comercial, doméstico e urbano, maquinaria de comunicação, acessórios e filmes que ilustram o papel da cidade no tempo da Segunda Guerra Mundial, época em que Lisboa se tornou um horizonte de esperança para milhões de pessoas, um oásis de neutralidade, a última fronteira para o acesso à liberdade.



BLOCO 103

Justino Alves

De 14 de Novembro a 28 de Dezembro

Desde muito jovem Justino Alves assumiu a pintura como espaço adequado à sensibilidade que sempre o acompanhou. No desenvolvimento da pintura, e ao longo do tempo, foram sendo construídos ciclos temáticos, a partir dos quais a pintura seguiu o seu ritmo. Assim se foram concretizando as várias etapas e movimentos, cuja unidade se situa na transferência de quadro para quadro recriando sucessivamente o ato de pintar. Desta realidade prevalece uma caracterização cognitiva comum – das primeiras às últimas pinturas – certificando uma identidade o seu percurso e as escolhas que privilegiou. Nesta exposição o que nos mostra é a soma de avanços e recuos, sucessivas tentativas de ordenar a matéria e dar-lhe significado, ação de que resultam as pinturas elas próprias formas residuais do que foi tratado e esquecido em favor da exemplaridade da sua representação final.

Paul Klee e Edvard Munch são dois grandes nomes da pintura mundial. A Tate e o Palácio Ducale dedicam-lhes agora excelentes retrospectivas.



Museu de Orsay, Paris

Allegro Barbaro. Béla Bartók e a modernidade húngara 1905-1920

Até 5 de Janeiro

No âmbito dos eventos que o Museu de Orsay tem dedicado aos grandes nomes da música moderna, esta exposição oferece a oportunidade de descobrir um período particularmente rico da história cultural e artística da Hungria. A música do compositor húngaro Béla Bartók e pintura no início do século XX reúnem-se num espírito de rutura e renovação. Cem pinturas juntam-se a numerosos documentos relativos a Bartók numa exposição que procura reviver um diálogo entre a música e as artes na Hungria do início do século XX.

Tate Modern, Londres

Paul Klee

Até 9 de Março

Paul Klee é um gigante da arte do século XX e um dos mais inovadores artistas da época. Espirituoso, criativo e mágico, o seu nome é mencionado no mesmo fôlego de Matisse, Picasso e Kandinsky. No campo da abstracção, a sua influência pode ser verificada em Rothko e Miró. Mas, apesar do seu elevado estatuto no modernismo europeu, há ainda muito a descobrir sobre ele. Este outono, na Tate Modern, é possível encontrar pinturas, desenhos e aquarelas provenientes de várias partes do mundo que permitirão apreciar o seu trabalho sob uma nova luz.



Palácio Ducale, Génova

Edvard Munch

De 6 de Novembro a 27 de Abril

O 150º aniversário do nascimento de Edvard Munch está a ser comemorado em Itália com uma retrospectiva imperdível no Palácio Ducale. A homenagem prestada ao artista norueguês, conta com mais de 120 obras, representativas de toda a evolução da arte de Munch, cedidas pelos mais importantes colecionadores. Considerado o oposto de tudo o que existia até então, a obra de Munch envolve impressionismo, simbolismo e naturalismo numa nova forma de expressão artística.

Música, cinema, festivais... é Novembro... no Porto, claro! Eis as propostas de Maria João Duarte para a invicta

Exposições

CENTRO PORTUGUÊS DE FOTOGRAFIA: “A Torre dos clérigos e os seus fotógrafos” (até 24); “Historias fora de Palco”, Imagens de Paulo Pimenta (até 1dez). **FUNDAÇÃO DE SERRALVES:** “Primeira Avenida” (até 1 de dez). **MARCOLINO ART GALLERY:** “A Poética do Espaço” da Pintora Joana Rêgo (até 12). **EDIFÍCIO AXA:** “OffDança. pt, com presença de alguns Coreógrafos nacionais. (até 25). **OLGA SANTOS GALERIA:** “Rendidos ao Amor”, pintura de Raquel Rocha. **BAGANHA GALERIA:** “Francisco Laranjo, Obras seleccionadas 1977-2013”

Teatro

TEATRO HELENA SÁ E COSTA: “Utopia” (até 10). **TEATRO DO CAMPO ALEGRE:** “Aberdeen, Um Possível Kurt Cobain” (até 1dez). **TEATRO SÁ DA BANDEIRA:** “Empreendedoriza-te” (até 22); “Commedia à la Carte, Commedia com sotaque” - Stand up Comedy (8 e 9). “Festival “Mexe II - Encontro de Arte e Comunidade”: conjunto de espetáculos de teatro, performances, mostra de vídeos, exposições e conversas, gratuitos, em vários espaços artísticos e públicos do Porto (18 a 24)

E ainda

SERRALVES e RIVOLI: 14ª edição da Festa do Cinema Francês: “L'écume des Jours”, de Michel Gondry (4); “Petit à Petit”, de Jean Rouch, Documentário; “Cherchez Hortense”, de Pascal Bonitzer (8); “Les Amants du Pont Neuf”, de Leos Carax; “Du vent dans mes Mollets”, de Carine Tardieu; “Thérèse Desqueyroux”, de Claude Miller (9)

Música

COLISEU: “Suede” (8); “La Bohème”, Ópera de Puccini (16); “A Sagração da Primavera” de Stravinsky (17); Rodrigo Leão com “Bandas Sonoras” (24); Jamie Cullum (26); “Santamaria -15 Anos” (30); **HARD CLUB:** “Dark Tranquility”, death metal melódico escandinavo (17). **CASA DA MÚSICA:** Prémio jovens músicos, Antena 2 (5); “Aimee Mann”, cantautora norte-americana (7); “The Happy Mess” (8); “Flauta Mágica”, OSP o programa onde a flauta faz uma viagem desde o seu tempo de ouro até à actualidade (9); “Concerto Italiano”, peças barrocas cantadas dedicadas à Virgem Maria (10); “Óscar Marcelino da Graça Trio”, jazz (12); “A Leste de Shakespeare”, OSP (15); “Fado à mesa” (17); “Rafal Blechacz”, piano Mozart, Beethoven e Chopin (17); “Aventuras e desventuras” de Háyri János, um soldado que sozinho derrota o exército de Napoleão, tema de um quadro sinfónico de Kodály, OSP (29); “Harlem Gospel Choir” (2dez); “Mayra Andrade” (3 dez). **Misty Fest:** Blasted Mechanism (12), Ian McCulloch (14), Scott Matthew (16), Anamar, Manuel Fúria e Os Náufragos (17); Spain (18). **Optimus Clubbing:** “Unknown Mortal Orchestra”, Archie Bronson Outfit” (30). “Futurismus”, os movimentos futuristas no mundo com: “Novos Futurismos”, Remix Ensemble (19); “Música de Máquinas”, OSP toca Pacific 231 de Honneger que reproduz o movimento de uma locomotiva a vapor (23); ”Manifesto Futurista”, coro Casa Música apresenta uma nova obra de Carlos Caires baseado no Manifesto Anti-Dantas de Almada Negreiros (24); Criação de apps musicais para smart phones e tablets (23 e 24) “Ballet Mécanique” filme de 1924, projeto vanguardista do realizador Fernand Léger e do compositor Georges Antheil (26); “Inside Music Machine”, experiência multimédia (28).



**DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA**

FOTO: LEONARDO FINOTTI

**ALGUNS TRABALHOS CONJUNTOS
COM O ARQ. JOÃO FAVILA
HOTEL PORTO SANTO**